



A Illustração Portuguesa
SEMANARIO
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

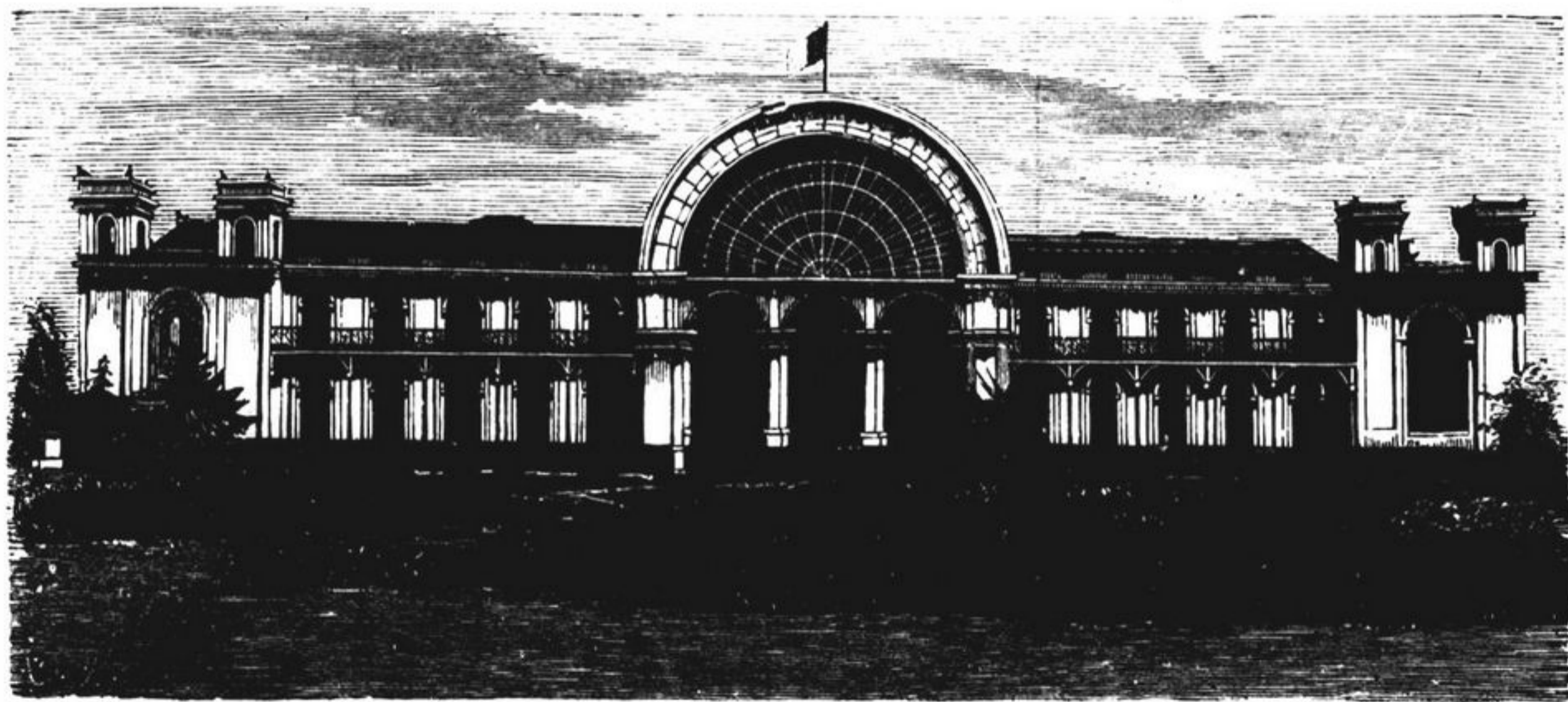
COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemónio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Paiva Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. G. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanar, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Azulay;—*Teu cabel'lo*, versos, por Carolino Monteiro;—*O estudo canoncano do sr. Brito Aranha*, por Pinheiro

CHRONICA

A 22 de janeiro do anno passado, a cidade era sobressaltada com a noticia da morte de um gigante; a 7 de fevereiro corrente, Lisboa commove-se com a queda



O PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO

Chagas;—*Salões de Paris*, por D. Guiomar Torrezão;—*Perfis: Helena*, versos, por Luiz da Silva;—*Memorias do meu cão*, conto, trad. de Magalhães Fonseca;—*O pedaco de pão*, conto, por José Maria da Costa;—*D. Beatriz de Portugal*, por Alberto Pimentel;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Sous les étoiles et sur les fleurs*, conto, por D. Margarida de Sequeira;—*O Camarada*, conto, por Edmundo de Amicis.

GRAVURAS:—*O Palacio de Crystal do Porto*;—*As forcas caudinas*;—*Possesso*;—*Modas*;—*Manuel Joaquim Pinto (O aggressor de Pinheiro Chagas)*.

de um athleta. O primeiro era Fontes Pereira de Mello; o segundo é Manuel Pinheiro Chagas. Ambos são victimas illustres—o primeiro do seu organismo cansado, impotente para resistir ás leis fataes da materia; o segundo, cae fulminado pelo braço de um sicario!

Assim como o tufão abate os robles de uma floresta, parece que uma fatalidade estranha se compraz em aniquillar, dia a dia, os filhos dilectos da patria.

Porque, o attentado é nacional. Pinheiro Chagas, vivo e são, na plenitude do seu talento incomparavel, com força para empunhar a sua penna scintillante, com voz para combater os reaccionarios vermelhos e os reaccionarios negros, era mais do que um simples cidadão, era uma gloria nacional.

E dizemos muito de proposito—era, porque ninguem sabe o que advirá da catastrophe que o prostrou. E' preciso frizar isto, para dar ao fatal acontecimento toda a alta gravidade que elle contém.

Os nossos homens publicos estão passando pelas mais duras provações. Nem o seu talento, nem o seu valor pessoal, nem os longos serviços prestados á comunidade com o desinteresse das suas almas luminosas, os poem a salvo da conspiração sombria das trevas contra a luz, das emanações do esgoto contra a atmospheria purificada.

Os homens que deviam ser sagrados, porque estão acima do commum, são as victimas innocentes de uma espantosa accumulção de odio de classe!

Terrível desvario!

E é em nome das doutrinas da solidariedade humana, da perfectibilidade social, da harmonia universal, que se erguem os incognitos assassinos, escrevendo á ponta de punhal, ao clarão da dynamite, as maximas do seu evangelho subterraneo, tremendo, aniquillador!

E estamos ás portas do seculo XX, com um longo tirocinio da liberdade nas suas mais amplas manifestações, com as maravilhosas descobertas da sciencia, com a nobilitação do trabalho, com a egualdade fecunda e nobre de direitos e deveres, com a abolição dos fóros e castas, com a democratização universal!

Ninguem tal dirá, perante os rugidos que partem das fundas camadas sociaes e se manifestam em taes perversões da dignidade do homem.

Porque o sectario, o louco, o malvado ou o visionario, que se arma na encruzilhada contra o seu concidadão indefezto, não é digno de partilhar das vantagens sociaes que da familia nacional resultam. Como erva daninha, deve ser arrancado da seara, para que não se multiplique, depreciando a colheita do lavrador. N'este caso, o lavrador, é o progresso.

Urge que a sociedade se una e se defenda. E' já tempo d'isso. Mas não vá a guerra da oppressão responder á guerra do ultrage. O odio attrahe o odio, e nós não queremos egualar-nos, nos processos rancorosos e insensatos, aos anarchistas. Se elles são allucinados, illuminem-os; se são criminosos, castiguem-os. Mas não façam pender sobre todas as cabeças dos homens mais illustres da patria, a duvida, a incerteza da sua segurança pessoal; porque elles, no fim de contas, são como nós todos, simples mortaes, e ver-se-hão na suprema necessidade de depor a penna para empunhar o revolver, o box, o *casse-tête*, talvez a espada, e conduzirem-nos pelo exemplo, dos pittorescos tempos em que se jogavam estocadas pelas viellas tortuosas, á serena claridade do luar, entre trovadores e rufiões.

Se o illustre e glorioso heroe das nossas luctas da imprensa e do parlamento, o nosso querido collega e mestre, Pinheiro Chagas, em vez de perder o seu tempo debruçado como um fanatico da luz sobre os livros, o houvesse despendido nas elegantes salas do Gymnasio-Club, exercitando-se nas argolas, nas barras fixas, no trapesio e na esgrima, talvez Pinto, o anarchista dos quatro costados, o cuspidor de hostias nas egrejas, estivesse na cama numero tantos do hospital de S. José.

A carinhosa e desvelada esposa de Pinheiro Chagas e os seus encantadores filhinhos, não teriam agora os olhos marejados de lagrimas, nem o seu sono—se é que se póte dormir n'aquella casa—seria cortado dos dolorosos sobresaltos que trucidam os seus corações juvenis e cheios de amor filial; mas Portugal não teria

hoje, tambem, tantas obras primas, saidas da penna magica d'este fascinador incemparavel; mas os echos dos salões das conferencias e do parlamento, não guardariam os trópeos arrojados e coloridos dos seus discursos deslumbrantes.

Sim; a illustre victima da malvadez mais tresloucada, da mais assombrosa baixeza de sentimentos, da ultima negação da dignidade pessoal, do odio parvo, asqueroso e vil de um verme, não estaria agora a dois passos do sepulchro, se tivesse consumido a sua mocidade nas luctas physicas, em vez de a ter gasto nas luctas do espirito; mas tambem não teria dado ensejo ao paiz inteiro, de se levantar como um só homem, n'um bello movimento de carinho, amor e admiração, e estender-lhe os braços n'um amplexo formidavel, que traduz este grito eterno—AO BEM AMADO!

As sombras do attentado servirão de claro-escuro a esta radiosa apothese, vibrante de enthusiasmo, com que a patria agradecida engrinalda a frente do poeta, do dramaturgo, do orador, do historiador e do jornalista.

Ceos! ainda não está tudo corrompido! A alma do povo é sublime.

Em meio das preoccupações dos tempos difficeis que vão correndo, é consolador ver como a parte sensata da população instinctivamente considera o augusto chefe do estado e da casa de Bragança, como uma força veneravel que contém em respeito o desencadeamento feroçissimo das paixões mais sombrias, que podem animar os que só respiram sangue, odio e vingança.

O sympathico monarcha, acompanhado de S. M. a Rainha, deu o seu primeiro passeio, quarta feira, em landau descoberto. Foi até á Avenida.

Não se descreve o sincero prazer, natural e justo, com que por toda a parte foi acolhido o soberano. Por todas as ruas foi saudado com visiveis demonstrações d'essa sympathia segura, que el-rei tem sabido grangear pelas suas bellissimas qualidades.

Na Avenida, chegou a haver demonstrações ruidosas. Era ao cair da tarde e a concorrência era numerosissima.

Um desgraçado ebrio ou simplesmente vil, teve a audacia de saltar para a frente das pessoas que pararam ao avistar a carruagem real, e preferiu alguns improperios acompanhados de um accionado correspondente. Foi preso. O facto, é claro que não tem importancia alguma; mas se viu mais uma vez para demonstrar o quanto a familia real é estimada e respeitada entre o povo. A indignação foi geral. E as demonstrações de cortezia feitas aos soberanos, redobraram.

O sentimento publico, sempre fidalgo, porque representa a massa enorme da população, é o que se encarrega, por si mesmo, de corrigir taes desmandos.

AZULAY.

TEU CABELLO

Roubei o teu cabello setinoso,
entre as folhas d'um livro primoroso.

Ah' quantas vezes, quantas—tu sorrindo,
me recusastes o teu cabelo lindo?...

E' a minha ventura! é meu thesouro,
beijar ancioso o teu cabelo louro!

Os beijos que me dava minha Mãe,
Como esta trança tanto aroma tem.

Roubei o teu cabello setinoso,
entre as folhas d'um livro primoroso.

O ESTUDO CAMONEANO DO SR. BRITO ARANHA

II

A historia do falso manuscripto de Filinto, é curiosa. Evidentemente o illustre poeta, que luctou no seu exilio com tantas difficuldades financeiras, entendeu que devia procurar grangear algum dinheiro com a venda do tal manuscripto, e para isso fez-lhe uma *réclame* extraordinaria, como hoje diriamos. Em varios sitios das suas obras diz que tirara uma copia de um manuscripto rarissimo que encontrára em Haya, que se dizia que esse manuscripto fôra emendado pelo proprio Camões e que encerrava nada menos de 2:000 variantes. A copia era annotada pelo proprio Filinto Elysio.

Não o diz o sr. Brito Aranha, mas tomo eu a liberdade de o suppôr, que Filinto Elysio se teria lembrado de vender o seu manuscripto ao morgado de Matheus. Seria essa effectivamente a primeira pessoa de quem se lembrasse. Evidentemente Filinto não se dirigiu ao conde de Villa-Verde sem primeiro se ter lembrado do opulento admirador de Camões, a quem demais a mais fizera os seus salamaleks, dizendo-lhe:

Oh! Sousa
Viverás quanto vivem os Lusíadas
A' patria, aos Lusos caro

Sigam os leitores o meu raciocinio:
Filinto Elysio tece estes louvores ao morgado de Matheus; fallando do seu famoso manuscripto, diz n'uma das suas poesias:

E' a copia de Camões, limpa dos erros
Dos ignorantes prélos

E accrescenta em nota:

«Manuscripto rarissimo de Camões, copiado na Haya por inteiro».

N'outra nota dizia:

«Cito um manuscripto rarissimo, e que se diz emendado por Camões mesmo, e cuja copia, tambem rarissima, eu possuo, porque ainda não acertou um curioso comprador».

E' evidentissimo que Filinto a procurasse vender ao morgado de Matheus, porque de certo á porta d'esse curioso iam bater todos os que tinham coisa relativa a Camões. Era conhecido o seu culto pelo grande poeta, era conhecida a sua riqueza, e não menos conhecida a sua generosidade.

Naturalmente Filinto procurou vender o manuscripto ao morgado; fino conhecedor, o morgado não caio. Filinto procurou então imprimir o manuscripto, dando assim um quinau no morgado de Matheus, que naturalmente não gostou do processo. E' isso o que se deprehende claramente da famosa nota do rico editor dos *Lusíadas*, nota que levantou polemica:

«O annuncio de um manuscripto de Camões, com muitas variantes, que pretende o seu autor ter descoberto em Paris e dar a publico, obriga-me a prevenil o contra a fraude litteraria de um segundo Montenegro, esperando que este aviso (fundado no meu conhecimento ha muitos annos d'aquelle fingido manuscripto) seja sufficiente para evitar o escandalo que occasionaria a sua publicação com tanto desdouro do grande poeta como da nação portugueza. O manuscripto de que este se diz copia, jamais existio; as suppostas variantes são indignas de Camões; de tudo o que digo tenho exuberantes provas. Leio e apenas acho estancias que as sacrilegas mãos não profanassem. A nação deve pôr debaixo da sua salvaguarda este monumento nacional, para defendel-o de semelhantes attentados.»

Constancio, amigo intimo de Filinto Elysio, protestou energeticamente e estranhou o azedume com que o morgado de Matheus tratava Filinto. Tinha razão; mas provavelmente o morgado irritara-se com a obstinação de Filinto, que, depois do morgado não ter querido comprar um manuscripto que reconhecia que era uma verdadeira burla, teimou em publical-o com o intento de lhe desacreditar a monumental edição.

Afinal Filinto não conseguiu vender o seu manuscripto, que veio parar ás mãos de um escriptor e homem politico brasileiro, Sergio Teixeira de Macedo.

Para nós é ponto de fé, como para o sr. Brito Aranha tambem, que o famoso manuscripto não passava de uma pia fraude litteraria com que Filinto procurava grangear alguns vintens no seu pobre e amargurado existir.

Segue-se a noticia desenvolvida das varias edições que temido o poema e em geral todas as obras do grande poeta. Colheremos aqui ou além uma noticia curiosa.

Eis a nota, por exemplo, das pessoas ou corporações que ficaram com os volumes numerados da edição de David Corazzi.

Fôram as seguintes:

- 1—Latino Coelho—o prefaciador.
- 2—João Felix Alves Minhava (falleceu).
- 3—João Carlos de Minhava.

- 4—Marquez das Minas.
- 5—Academia das Bellas-Artes.
- 6—Arcebisbo de Evora.
- 7—Julio Cesar de Sousa Lima.
- 8—Julio Baptista de Castro Junior.
- 9—Eduard Baptista de Castro.
- 10—Antonio de Almeida e Campos.
- 11—José de Azevedo e Menezes.
- 12—José da Silva Bravo.
- 13—Annibal Fernandes Thomaz Pippa.
- 14—Mariano Machado de Faria e Maia.
- 15—José do Canto.
- 16—Agostinho Machado de Faria e Maia.
- 17—Theotónio Flavio da Silveira.
- 18—José Antonio da Silva Junior.
- 19—Visconde de Maecdo Pinto.
- 20—Feliciano da Silva Ferreira.
- 21—Augusto dos Santos Cordeiro.
- 22—Joaquim Guimarães.
- 23—Antonio Ribeiro de Azevedo Bastos.
- 24—Rodrigo Velloso.
- 25—Lucas Fernandes das Neves.
- 26—Duque de Palmella.
- 27—Luiz da Cunha Carvalho.
- 28—Carlos Pereira Lopes.
- 29—D. Perpetua Moreira Marques.
- 30—Rozendo Avelino Rodrigues.
- 31—Antonio de Lemos.
- 32—Ramiro Nepomuceno de Seixas.
- 23—João Dantas.
- 34—José M. de Mello.
- 35—Guilherme Robim de Noronha Gorjão.
- 36—Ernesto Chardron (falleceu).
- 37—D. Maria Sanches de Jesus Barbosa.
- 38—Joaquim Xavier Figueiredo e Mello de O'nil Pires.
- 39—Antonio Petronillo Lamarão.
- 40—Francisco José de Sousa.
- 41—Marcellino Alfredo Carneiro.
- 42—Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.
- 43—José Antonio Rodrigues.
- 44—Antonio José Pereira Junior.
- 45—João Marques da Costa.
- 46—José Maria Alves da Cunha.
- 47—Francisco da Costa Guilherme Junior.
- 48—Bernardo da Costa Godinho de Sampaio e Mello.
- 49—David Corazzi.
- 50—Vicente Isidoro Correia da Silva.
- 51—Bibliotheca Publica de Lisboa.
- 52—Bibliotheca Publica do Porto.

Como se vê, o livro do sr. Brito Aranha é o mais minucioso possível com relação ás edições de Camões, incluindo as edições numerosissimas publicadas por occasião do Centenario.

Passa depois a tratar das traducções. Comassamos que já que é tão minucioso, não desgostariamos que desse a sua opinião ou a opinião da critica authorisada acerca do merito e da fidelidade das diversas traducções.

Faz isso ás vezes, mas são raras.

Bem sabemos que a indole do livro é essencialmente bibliographica; mas ainda assim, porque não escolheu o sr. Brito Aranha, entre os artigos ou livros criticos que se occuparam d'essas versões, algum trecho que servisse para dar aos leitores uma idéa do merito relativo d'essas differentes traducções?

Como passa por exemplo o sr. Brito Aranha pelo ensaio de Charles Magnin, que prefacia uma das traducções francezas, sem pôr em relevo o merito — pelo menos relativo — d'esse estudo devido á penna do famoso author das *Origens do theatro*?

Com relação ás traducções inglezas, algumas pequenas observações temos a fazer.

Vê o leitor que a traducção de Mickle tem uma immensidade de edições, e lê ao mesmo tempo, n'um trecho citado pelo sr. Brito Aranha, que essa traducção está longe de ser boa. O leitor naturalmente pensa o seguinte:

«Ou a critica não é exacta, ou os inglezes tinham muito mau gosto.»

Pois é exacta a critica, e os inglezes não davam provas de tão mau gosto como isso, comprando e lendo o poema de Mickle.

A resolução d'este problema é que é necessario dar.

O grande defeito de Mickle é a paraphrase. Aquella oitava de Camões, que principia:

Da luz os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas neptuninas.

Dá pretexto a Mickle para escrever seguramente quarenta ou cinquenta versos. Não fez uma traducção, fez variações; mas essas variações são encantadoras, pelo menos no gosto de seu tempo.

Traducção verdadeiramente admiravel pela sua fidelidade é a de Eduardo Quillinan, e pena é que apenas conste de fragmentos.

Quillinan conhecia excellentemente o portuguez.

Em geral agrada-nos muito a traducção de Aubertin; não é comtudo isenta de defeitos, que lhe fôrão apontados satyricamente n'um jornal inglez que se publicava em Lisboa, intitulado *Financial and mercantile gazette*. Espantou-nos que o sr. Brito Aranha não citasse esses artigos, quando cita outros do mesmo jornal em louvor da traducção do sr. Duff, que tambem é boa.

Os artigos a que me refiro suppunha-os escriptos por um inglez que residio em Lisboa, e aqui ensinava a sua lingua, chamado sr. Lewis. Dizem-nos que era um mediocre professor, mas era um homem de muito talento e sobre tudo de muito chiste.

N'essa *Financial and mercantile Gazette* escreveu elle varios artigos de critica humoristica tanto á traducção de Aubertin como a varios livros de viajantes inglezes em Portugal. Lewis morreu na pouco tempo, quando as correspondencias telegraphicas que elle enviava e que alguns jornaes inglezes já publicavam, começaram a dar-lhe nome.

A ultima parte do livro do sr. Brito Aranha é de uma abundancia de noticias pasmosa, e, dil-o-hemos sem reboço, excessiva. O plano que o sr. Brito Aranha traçou foi de tal modo colossal, que não logrou executal-o completamente, apesar de ser espantoso o numero de obras que consultou e de que nos dá informações quasi sempre copiosas.

Imagine por exemplo o leitor que o sr. Brito Aranha quiz dar conta de todas as obras relativas a Camões, biographicas, criticas e de *simples analyses e referencias*.

Leva tão longe a minucia, que chega a citar a *Pancarpia, prosas historicas e titulares, e versos differentes de varões collocados e illustres da ordem da Santissima Trindade e Redempção de captivos com algumas excellencias d'elles antes*.

Porque é que virá citada esta obra? O sr. Brito Aranha nol-o diz:

«Na pag. 122 traz uma oitava imitativa da primeira dos *Lusiadas*.»

Bem diziamos nós que, obedecendo a este plano, a resenha do sr. Brito Aranha, por mais copiosa que fosse, tinha de ser forçosamente incompleta. Para ser completa, pode dizer-se que tinha de reproduzir no seu livro a lista de todas as obras da litteratura portugueza desde os fins do seculo XVI até aos nossos dias, porque rarissima é a obra escripta n'estes tres seculos, em prosa ou verso, que não tenha referencias a Camões, citações de Camões, ou imitações de Camões.

Preferiríamos que, em vez d'essa prodigalidade de citações de livros, n'alguns dos quaes só incidentemente se falla de Camões, nos desse o sr. Brito Aranha uns pequenos excerptos da opinião dos escriptores portuguezes dos differentes seculos ácerca do poeta. Seguiríamos assim a alta e a baixa dos fundos camonianos no mercado litterario portuguez.

Feliz defeito o que notamos! a abundancia, a prodigalidade. E' que, effectivamente, o sr. Brito Aranha mostra n'este volume uma erudição pasmosa, uma leitura surprehendente. E' necessario além d'isso ter uma cabeça muito bem organizada para poder classificar, methodisar e dispor segundo uma ordem logica os milhões de apontamentos que o sr. Brito Aranha teve de tomar. Debaixo d'esse ponto de vista, o seu livro é assombroso.

PINHIRO CHAGAS.

SALÕES DE PARIS

(JEANNE THILDA)

A PRINCEZA

Grande ar, nutrição magestosa, bandós chatos, toilette de musa e de deusa, onde predomina a cor sombria; nunca foi feliz no seu *ménage*, e quereria achar um segundo marido, um pouco para saber o que é a lua de mel, muito para possuir uma mobilia nova e uma parelha capaz de a conduzir ao Bosque. Occupa-se de litteratura franceza e estrangeira, dá a entender que dispõe de profundos conhecimentos musicaes e faz esperar muito tempo na sala, quando a visitam fóra do seu dia.

Extraordinario, esse enorme salão! um piano d'Erard, de grande cauda, separa-o em duas divisões; cobrem o piano partituras de Wagner; a princeza não admite senão a musica do futuro; chora, quando ouve os *Maitres chanteurs*. Se ella chora, é porque comprehende, não lhes parece? Não longe do piano, um cavalete, onde repousa uma obra começada, pinceis, uma palheta carregada de cores; livros de encadernações ricas accumulam-se sobre um *guerdon*: livros antigos, modernos, alegres, graves, romanticos, naturalistas, afirmando a rude tempera do estomago litterario da dona da casa. E por ultimo, em um angulo da sala, simultaneamente occulta e evidente, uma pequena secretária contendo um singelo tinteiro, um molho de pennas de pato e um

caderno de papel branco, no alto do qual se lê em grossos caracteres: «Memorias de uma grande dama».

A's terças feiras à noite, a sala enche-se de academicos, de senadores, de eruditos; desconfia-se ali dos deputados; são muito ruidosos; e quanto aos artistas, horror!

A BARONEZA

Uma das mais bonitas mulheres de Paris, não podendo resignar-se com o effeito devastador do tempo e não o admittindo. Toilette infantil à Maria Antonietta, cingida na cintura com um laço; cabelos annelados, soltos nas costas. Sala cheia de *bibelots* e terrivelmente perigosa para os não iniciados: cortinas descidas; stores corridos, não deixando passar senão um fio de luz; a dama não gosta de claridade, tem a vista fraca. Annunciam-nos, caminhamos de mãos estendidas, receando esbarrar com um movel a cada passo; a voz da baroneza guia-nos.

Traz! tomamos a direita, em vez de seguirmos para a esquerda; uma jarra de Saxe rola sobre o tapete; recuamos, fugindo à porcellana quebrada, que estala debaixo dos nossos pés, e caímos em cima de uma jarra japoneza, que tem a mesma sorte do Saxe. Afinal, assentamo-nos; os risos, mal reprimidos, emmudecem. Desejando apagar a má impressão produzida pela nossa entrada, damos uma noticia fresca, uma noticia que acabam de communicar-nos:

—Sabem, minhas senhoras, que o pobre sr. de Cheatay está arruinado, em resultado de um mau jogo na Bolsa?

Uma voz furiosa eleva-se, partindo de um canto da sala.

—E' uma odiosa calumnia, meu marido não joga na Bolsa; ha de dar-lhe uma satisfação por essa abominavel mentira.

E uma veneranda matrona levanta-se e sae, batendo com as portas.

A baroneza mostra-se no Bosque, acompanhada de um adolescente que lhe chama mamã.

A baroneza, convicta de que não de attribuir-lhe um erro qualquer, prefere antes passar por uma joven mãe culpada, do que por uma matrona virtuosa.

Salão de jornalistas, de artistas, de rapazes. Tereza canta alli as suas mais arrojadas canções, por entre dialogos mais ou menos decotados; a baroneza afirma que entrará na vida austera, logo que lhe appareça o primeiro cabelo branco, o que não succederá tão cedo: a chimica que o diga!

A MARQUEZA

Um dos maiores nomes do faubourg Saint Germain.

Vive separada do marido, que prefere os bastidores da opera ao salão de lampas cor de castanho, ornado com um grande retrato de S. Vicente de Paula.

A marqueza dedicou se aos orphãos! Os orphãos absorvem exclusivamente a sua existencia.

Todas as manhãs, entra-lhe em casa um batalhão de creanças, escoltadas por uma irmã de caridade. A marqueza recebe as creanças de pé, não as manda assentar, e exhorta as a um trabalho incessante e a uma obediencia passiva.

Salão igual a uma officinal toucas, camisas de panno, vestidos de indiana em cima de todos os moveis; ao centro da casa, uma grande meza carregada de thesouras gigantescas para cortar os moldes, de fazendas ordinarias, de linha e de agulhas; todas as almas piedosas veem, em ar de visita, auxiliar o santo trabalho, cooperar na piedosa tarefa. A marqueza usa toilettes sem graça, que custam o dobro das outras; faz chorar as creanças, ameaçando-as com o inferno; veste as confortavelmente, mas nunca lhe occorreu que um bolo ou um bonito poderia dar-lhes um dia de ventura.

A caritativa dama detesta as mulheres muito rodeadas, e não esconde o seu desprezo pelas que se occupam de musica ou pintura, em vez de fazerem meias de lã.

Em um canto da sala ha um oratorio, onde a marqueza reza em voz alta para sua edificação, exprimindo ao bom Deus e á Santissima Virgem o horror que lhe inspiram as cousas da actualidade.

Salão frio, composto de ecclesiasticos que se enfastiam e de velhas que intentam resgatar os peccados da mocidade costurando ou talhando calcinhas para os bebés. As mulheres moças só ahí apparecem de relance, durante a Quaresma.

A CONDESSA

E' de origem estrangeira, uma *restaquouère* chic, como hoje se diz.

A condessa, forte dos seus milhões, pretende fazer-se adoptar pelo Paris elegante. Desposou, um pouco tarde, um velho americano, carregado de condecorações.

Offerece festas esplendidas, no intuito de attrair a alta sociedade, atira galantemente o seu dinheiro pela janella, e atirar-se-ia a si propria, com a condição de a naturalisarem parisiense. Agrada a todos, a despeito da sua inflexão suspeita; faz-se bom rapaz e obsequiosa, sempre que póde. Toilettes doidas, ostensivas ou seve-



AS FORÇAS CAUDINAS

(Specim:n das gravuras da «Historia de Roma», de Duruy)

ras, conforme lhe aconselham: não sabe a que santo ha de dedicar-se, desde que viu a celebre princeza, vestida de mil côres, e a não menos celebre duqueza, exhibindo uma toilette ultra-rígida; usa de tudo, para agradar a todos.

Conseguiu introduzir-se em todas as obras piedosas, organisadas por mulheres titulares, e sempre que a bolsinha da *quête* não está cheia, envia-lhe sommas consideraveis, para que a presidente lhe sorria e lhe chame minha querida.

Salão luxuosissimo, cheio de flores exuberantes de perfumes; buffette sempre preparado com cousas extraordinarias e filtros que sobem á cabeça; bebe-se ahi muito champagne, conversando-se alegremente de tudo que passa pela cabeça.

Frequentemente, a condessa infringe os mais rudimentares preceitos, recebendo no mesmo dia actrizes celebres e devotas, e chora de raiva sempre que as senhoras da alta roda se levantam, escandalisadas.

Não conseguirá nunca possuir o salão dos seus sonhos! e um bello dia, atirá a sua touquinha por cima dos moinhos, essa pequenina touca de andaluza, presa por um fio e que tanto lhe peza.

N'esse dia, é possível que muitos percebam que acceitaram, um pouco levianamente, os opulentos brindes do *cotillon*.

Mas, que demonio! nem por isso deixaram de divertir-se muito em casa da galante condessinha!

GUIOMAR TORREZÃO.

PERFIS

IV

HELENA

(A CARLOS FERREIRA)

De manhã tinha morrido
O rapaz que namorava,
E sob a angustia, vergava
Sem preferir um gemido;
De manhã tinha morrido
O rapaz que namorava.

Durante o dia, passára
No seu quarto de creança,
Chorando a loira esperança,
Que a morte lhe arrebatára;
Durante o dia, passára
No seu quarto de creança.

E, tendo um riso forçado,
Ella fóra para o baile,
No seu vestido de *faulle*
Levemente decotado...
E, tendo um riso forçado,
Ella fóra para o baile...

LUIZ DA SILVA.

MEMORIAS DO MEU CÃO

(De Pierre Véron)

I

Eu tive um cão. Pobre animal!

E' justo que conte a sua historia, que escreva as memorias d'esse digno e intelligente quadrupede.

Além de que, essas memorias serão um *mea culpa* que alliviará a minha consciencia.

Foi n'uma noite de inverno e n'um bairro isolado que o encontrei. Tiritava de frio, enroscado na soleira de uma porta.

Qualquer outro, nos seus cas. s, ter-se-hia lançado brusca-mente a mim, cobrindo-me de caricias, perseguindo-me com importunas sollicitações—e então talvez que eu, impacientado, o houvesse repellido com asperza.

O meu cão, porém, era muito fino para que assim procedesse.

Deixou-se ficar, sem tujir nem mugir. Apenas me pareceu que exaggerou um pouco o seu tremor convulsivo, e que soltou um gemido plangente.

Era tocante e discreto. Approximei-me para o ver mais de perto. Estava conquistado.

—Vamos! Anda d'ahi commigo!

Elle seguiu-me immediatamente. Os seus grandes olhos brilhavam, na meia obscuridade, com um esplendor fulgurante.

E eu puz-me a caminho, dizendo a mim mesmo, com um ar satisfeito:

— Ora aqui está um cão ao qual só falta a palavra!

II

Quando tal disse, não avaliei bem quão verdadeira era a minha affirmativa, mas não tardei a comprehender que realmente o meu cão era, pela intelligencia, extraordinariamente superior ao nivel médio da especie humana.

A primeira vez que fiz esta descoberta, foi n'um dia em que couvidara a jantar um grande numero de amigos.

Amigos ou parasitas?... Eis uma questão de syronimia um pouco embaraçosa. N'esse tempo chamava-lhes eu amigos.

Bambocha—era este o nome desprezencioso com que eu brindara o meu cão — Bambocha testemunhara-me sempre, a'esse dia, uma afeição illimitada.

Por qualquer pretexto, ainda o mais futil, era de uma prodigalidade extrema em latidos, em cabriolas, em expansões de ternura.

N'essa noite, Bambocha não appareceu, mas, como eu tivesse outras cousas em que pensar, não liguei importancia ao facto.

O jantar correa animado. Os meus amigos, a quem eu lera á mesa uma tragedia da minha lavra, tinham-n'a proclamado unanimemente sublime. Os vinhos generosos haviam-n'os predisposto para a mais lisongeira benevolencia.

Nunca para mim tinham decorrido horas mais agradaveis.

Comtudo, essas horas teem, como as outras, um fim, que parece chegar ainda com maior rapidez.

Os meus bons amigos foram se retirando, dando-me á despedida os mais cordeaes apertcs de mão, acompanhados, por parte de cada um d'elles, de um tímido pedido de duas ou tres libras emprestadas.

Estas demonstrações praticas d'affectuosa amisade não obstaram a que eu me sentisse encantado dos agradaveis momentos que passara. Por fim resolvera ir deit. r-me, embalado pelas doces chimeras do homem que vira uma tragedia sua receber o baptismo dos applausos, quando lobriguei o Ban bocha, immovel junto da sua escudella vasia. Com o entusiasmo da festa, tinham-se esquecido de lhe dar de jantar.

O pobre cão fitava me com uma expressão tão singular, que não me foi possível desviar d'elle os olhos. Fallava me á sua moda. Observando o seu olhar com mais attenção, li n'elle um sentido tão claro como nas phrases de um discurso.

Não havia duvida que Bambocha me dizia, com a sua pupilla fixamente astuta:

— Ora ahi está!... Hoje esqueceram-se de mim, o amigo fiel e dedicado, o amigo que se não poupa a caricias, quer em recompensa de provas d'affecto quer em troca de ingratidões recebidas.

E por quem foi que me esqueceram?

Por mais duzia de intrusos que se riram de ti, e exploraram a tua vaidade. Se continuas a metter te com louvaminheiros servis e venaes como esses, estás bem servido!

Pois não vés que elles não fizeram mais do que divertir-se, comer e beber á tua custa? que amanhã contarão a toda a gente a aventura da tragedia lida á sobremesa?

E foi para conquistares as palmas de um tal ridiculo que tu esqueceste o teu velho cão!...

Imbecil!...

Sim, por minha fé! A palavra estava escripta com todas as letras no olhar de Bambocha, a que eu me subtrahi, desesperado com a sua franqueza rude.

III

Algum tempo depois fui a um baile.

Para esta solemnidade recorrera eu a todos os artificios da elegancia.

O meu sapateiro fizera me umas botas extremamente apertadas; o meu alfaiate uma casaca tão justa, que eu não ousava, sequer, mover os braços; o meu camiseiro uma camisa cujo collarinho teria augmentado o numero dos supplicios de Regulus, se os cartaginezes se tivessem adiantado mais em civilisação.

Não obstante, estava vestido á ultima moda!

Incommodadissimo, extasiava-me em frente do meu espelho, e axtasiando-me, pensava ao mesmo tempo no effeito que a minha appareção produziria, e na aria que havia de cantar, depois de me ter feito rogado por muito tempo.

Subitamente reparei no olhar do meu cão.

Maldito olhar!

D'esta vez era de um desprezo esmagador.

—E chamam-nos brutos! dizia elle. Pensas acaso que, por muito bruto que eu seja, consentiria como tu, meu amo, em mascarar-me com tão grotesca farpella?

Mas isso é para se morrer de riso!

Não imaginas quanto estás ridiculo, constrangido, absurdo! Estás me dando um espectáculo proprio para eu me regosijar pela minha condição canina, que me subtrahae ao jugo da gravura de modas.

Meu pobre amo, tu estás feio, feiissimo!...



POSSESSO

E Bambocha volteou sobre si proprio, com manifestos testemunhos de hilaridade.

o sahir para o baile, atirei um pontapé a Bambocha.

IV

O scelerado do cão era incorrigivel.

Um dia tentava eu realizar um emprestimo importante, com um usurario ainda mais importante.

Tratava-se de adular o meu homem.

—Oh! meu caro amigo! Tenha a bondade de se assentar!... Quer um tamborete sob os seus pés?... Não quer tomar alguma cousa?... Sente-se antes n'este *fauteuil*, que é mais commodo.

Agora, se m'o permite, vamos fallar tranquillamente do nosso negocio. Tratava-se do meu amigo me emprestar...

De repente fui interrompido por um latido furioso, e ao mesmo tempo Bambocha, sahindo debaixo do *fauteuil* do usurario, lançava-se-lhe ás canellas, mordendo o.

—Está qui-to, Bambocha!

—Pertence-lhe este cão?

—Aqui, Bambocha!...

Mas tudo foi inutil. O patife do cão ladrava cada vez com maior furia, de modo que o meu usurario fugiu, bradando:

—Quando se pretende dinheiro de uma pessoa, não é rasoa-vel fazel a devorar por um cão.

Eu estava desesperado, e Bambocha, que me examinava com um ar de quem se sentia satisfeito de si proprio, apanhou n'essa dia uma sova mestra.

V

A ultima vez viera *ella* visitar-me. *Ella* era uma conquista recente, que eu me comprasia em revestir de todas as qualidades ideaes,

Dispozera tudo convenientemente para que a minha habitação lhe agradasse.

Ella chegou, e á primeirá vista pareceu ficar encantada.

Passados momentos, appareceu Bambocha.

—Ah! tens um cão?

—Tenho.

—E é bonito. Vem cá, tótó!

Ouviu-se um rosar surdo, e o animal recuou até junto de uma das paredes.

Ella supplicou, eu ameacei. Tudo baldado. Bambocha não quiz saudar a rainha que eu lhe dava.

Quando *ella* se foi embora, dispuz-me a corrigil-o. O seu olhar, porém, antecipou-se-me.

Oh! d'esta vez esse olhar tinha uma eloquencia ainda mais penetrante. Que profundo desprezo!

—Idiota! Triplicemente idiota! Pois acreditas na virtude, no amor e na belleza d'essa creatura, que não tem nem belleza, nem amor, nem virtude?

Era isto o que me dizia o olhar insistente do cão.

Ella zomba de ti. Sim, *ella* zomba...

Não pude conter-me mais. Este ultraje ao meu ídoio enche- ra a medida.

Sahi de casa chamando Bambocha. Elle seguiu-me. Cami- nhei em direcção a uma planicie, e chegado a um ponto que me pareceu conveniente, preendi o meu cão a um tronco de uma ar- vore e fugi a correr para não o ouvir chorar...

Porque o pobre animal chorava!

VI

Depois d'isto nunca mais o tornei a ver. Mas quão amarga- mente o tenho lamentado!

A minha amante abandonou-me, os meus amigos arruinaram-me, o usurario fez-me passar seis mezes na cadeia...

Bambocha tinha razão. Pobre animal!... E, todavia, eu abandonei o, como todos nós abandonamos sempre quem quer que seja que pretenda tornar-nos rasoaveis!...

Terminam assim as memorias do meu cão. Este *mea culpa* alliviou um pouco a minha consciencia.

MAGALHÃES FONSECA.

O PEDAÇO DE PÃO

Joven, formoso e robusto, o André era o encanto da fabrica pela bondade da sua alma ingenua e boa e pela inextinguivel alegria do seu character. Amigo de todos, arranchava sem reserva a um divertimento qualquer e não armava questão. Era um bom *vivant* e um bom companheiro.

Não era invejoso, nem intrigante, nem ralaço. Era só extre- mamente pobre, porque a pobre mãe, tinha um verdadeiro ninho

de filhos, todos mais novos do que elle, que apenas contava 18 annos e ainda era aprendiz. Todos comendo e vestindo, sem pro- duzir,

O salario do pae, aliás um bom operario, mas já alquebrado, era insufficiente como facilmente se percebe. A mãe, essa coita- dinha, occupada todo o santissimo dia no moirer caseiro, nem tempo tinha para dar á lingua um bocadinho com a visinhança. E Deus sabe a falta que isso fazia á sua expansão natural de prole- taria moradora n'uma travessa popular, onde tantos acontecimen- tos estonteantes de maledicencia desfilavam diariamente, com uma opulencia de cambiantes que nem o mais variado noticiario de gazeta bisbilhoteira lhe ganhava.

Deus sabe o que custava á senhora Anna, prender-se com a pequenada de portas a dentro, escorando-lhes a fome com prodi- gios de economia culinaria que fariam o terror do Brillat Sava- rin, e tapando-lhes a nudez com assombrosas parodias da famosa tela de Penelope, que se desfaziam por si mesmas, depois de re- feitas, isto, é, remendadas mil vezes pela agulha infatigavel da dona da casa.

Comtudo, no meio d'aquella grita infernal de gargantas ju- venis, d'aquelle *brouháá* de interior operario, não havia o som- brio desespero d'alguns *menages* proletarios. Todos tinham saude e todos tinham esperanza em melhores dias, essa esperanza inde- cisa, vaga, como uma espiral de fumo que se alastra no espaço in- visivel do futuro, e que é a redempção suprema dos dias de amargura, e que é toda a philosophia do pobre.

Havia esperanza n'aquelle lar, sem se saber bem porque. Santa ignorancia do calculo das probabilidades terriveis do *strug- gle for life*.

Nos dominios do sentimento, a esperanza é um sol que illu- mina e aquece nos seus raios inextinguiveis. Faltando a esperan- ça, faz-se a noite na alma, e tudo acaba,

Era por isso que, em casa da mãe do André, tudo tinha um ar de vida, animação e felicidade, no meio da fome, da nudez e da miseria geral, accete com essa passividade da gente de bron- ze, que constitue a sua força.

E havia dias negros em que o alimento primario — o pão, era o principio e o fim de todo o *menu* das tres refeições. Então, o pae, saia para o trabalho, sem trahir o menor resentimento contra a adversidade. Ah! Era nos dias immediatos ao do pagamento ao senhorio ou ao escrivão de fazenda.

E o filho mais velho, o bom André, robusto e corado na sua esplendorosa mocidade, saia tambem por sua vez para o trabalho, descuidado e alegre, com um pedaço de pão no saquinho de chita — pão fresco, mas só pão!

Oh! que doloroso poema ou que espantoso romance social, se não escreveria com este titulo: PÃO!

De uma vez o André ia caminho da fabrica, chapeo atirado para a nuca, e os seus cabellos d'ebano caidos em flocos sobre as fontes; abrindo os olhos pasmados e ingenuos para as carruagens onde se entreviam perfis de mulheres adoraveis; ou fitando as montras, onde pendiam como stalactites exoticas, as rendas trans- parentes que pediam bustos esculpturaes; quando foi interpellado por uma creança que lhe pedia esmola.

O André teve ao principio um movimento de espanto brusco, mas logo um sorriso largo lhe illuminou em cheio o rosto.

—Eu sou pobre como tu, rapariga! exclamou elle na sua voz fortemente modulada.

—Dê-me ao menos um bocadinho de pão! E' para a avosi- nha... já não comemos ha dois dias!

O André respondeu mais brando e com toda a pachorra, en- carando a pequena.

—Lá dois dias, parece-me muito; mas, fogo me pegue, se tu tens cara de quem vive á larga.

A rapariga soltou um grito lamuriento.

—E aonde é que está a tua avó?

—Ali, ali, ali! gritou logo a pequena, alvoraçada, indicando o poial em que se achava sentada uma velhinha,

—Pois vamos lá, disse o rapaz.

E sem largar a mão da pequena, avançou.

—Como tu tens as mãos frias! observou elle.

E chegando ao pé da velhita, interrogou-a:

—Porque é, que vocemecê não vae antes pedir, para as ruas da Baixa?

—Ah! meu filho! é porque eu não me posso arrastar. Tivesse eu forças!

E contou que era *ella* que sustentava com as esmolas que recebia, uma longa familia de netinhos, porque a mãe d'elles, estava em casa doente, privada de trabalhar. Se *ella* não se ti- vesse deliberado a sair á rua a pedir, morreriam todos á fome.

O André estremeceu e disse simplesmente:

—Eu não tenho mais nada do que isto; tome.

E abrindo o pequeno sacco de chita, deixou lhe cair no rega- ço, o pedaço de pão, o unico alimento que levava para o seu jan- tar d'aquelle dia.

E afastou-se rapidamente para não ouvir os agradecimentos; mas não tão depressa que não lhe echoassem aos ouvidos as se- guintes palavras da velhinha.

—Seja tudo pelo amor de Deus! Que Nosso Senhor o faça feliz, meu filho!

E voltando-se instinctivamente, viu que ambas se lançavam ao pão, ás dentadas, com uma sofreguidão inaudita.

Mais adiante, quando o rapaz se encontrou fóra da influencia emocional d'aquelle quadro de miseria, castigou-se com a seguinte apostrophe:

—Então, não sou um asno? E que heide eu comer hoje?

Mas por diante d'elle passou a imagem da pequena amarelita e da velha esfomeada. E ao seu coração ainda não endurecido pelo egoísmo, subiu como a espuma immaculada de um copo de leite, está doce palavra:

—Coitadas!

E fazendo um energico gesto com a cabeça, continuou o seu caminho.

Passaram-se dez annos, e o pobre rapaz nunca mais se lembrou da sua boa acção, como um generoso coração que era. Nunca mais vira a pequena, nem a avósioha.

Um dia, já elle era um official distincto no seu officio, foi encarregado de dirigir um trabalho importante no palacete de um brasileiro a Buenos Ayres. Houve uma explosão de gaz e o André ficou gravemente ferido. Grande consternação. A dona da casa, uma joven senhora extremamente caridosa, não consentiu que elle fosse para o hospital, e pretextando que o joven operario havia sido ferido em sua casa, quiz que fosse tratado pelo seu medico particular. E reservou-lhe um quarto no palacio.

Durante a doença d'elle, ia muitas vezes á cabeceira da cama, dirigir-lhe palavras de conforto; e n'essas visitas conseguiu saber a historia do operario—uma historia simples como agua, feita de trabalho e honradez.

Qual não foi porém o espanto do André, quando ella lhe revelou, com um adoravel sorriso de bondade e de franqueza, que era a antiga mendiga, á qual elle matára a fome de uma vez, dando-lhe todo o seu pão, que levava como unico alimento para um longo dia de trabalho.

—Desde aquelle dia, disse a brasileira, votei um entranhado affecto a todos esses infelizes e obscuros trabalhadores que, sob uma apparencia rude, occultam a maior abnegação. E o André, é um d'elles.

E por sua vez, a joven senhora contou tambem a sua vida, cortada de situações extraordinarias, que a tinham levado á situação feliz em que se achava.

D'aquelle momento em diante, estabeleceu-se entre os dois, guardada a devida distancia social, uma affeição enorme. O André melhorou, voltando á officina, e a ex mendiga tornou-se uma protectora desvellada d'elle e de toda a sua familia.

Um anno depois d'este acontecimento, falleceu o riquissimo brasileiro, victima da inevitavel doença contrahida nas terras de Santa Cruz, e deixou, como todos os brasileiros, a viuva herdeira universal.

Inutil será accrescentar que, ao cabo de outro anno, o bom e honrado operario casava com a opulenta viuva, e se tornava um industrial importante.

Eis como, muitas vezes, um simples pedaço de pão se transforma em montanha de ouro, pela alchimia divina da caridade.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

D. BEATRIZ DE PORTUGAL

I

(Continuado do numero antecedente)

No terceiro volume do *Romanceiro* incorporou Garrett dois romances extraídos da *Menina e moça*, de Bernardim Ribeiro: *A ama, Avator*; e o solão *Cuidado e desejo*, que se encontra entre as eclogas do poeta, appensas á edição da *Menina e moça*, feita em 1852 pela empresa da *Bibliotheca Lusitana* (Lisboa).

Todas estas tres composições são precedidas de pequenos prefacios elucidativos.

Fica pois bem accentuada a grande influencia que a tradição poetica dos amores de Bernardim Ribeiro exerceu no espirito delicado e na imaginação romantica de Garrett. O caso, em verdade, não era para menos. Cintra, a formosissima Cintra, como tablado; como actores, uma princeza e um trovador. E depois ainda a corrente tradicional dos costumes trovadorescos: «não estava tão longe o tempo em que princezas e rainhas ouviam sem infado e acceitavam sem desaire as homenagens dos trovadores.»

Alexandre Herculano, no 3.º volume do *Panorama*, escreveu um artigo a respeito dos amores de Bernardim Ribeiro com a infanta D. Beatriz. Acha escuro este problema historico, mas acceita a lenda. Lamenta que Garcia de Rezende, que tão curiosas informações nos legou sobre a partida da infanta para Saboya, se abstivesse, talvez por considerações palacianas, de tocar no assumpto. Cita Damião de Góes para mostrar que o casamento fóra

mal acceito dos portuguezes, que não reconheciam no duque de Saboya qualidades nem de nascimento nem de posição para tomar por mulher uma filha do rei D. Manuel. E não lhe parece que estas razões fossem as unicas que imperáram no animo dos portuguezes para desestimar o casamento. Copia, em reforço da sua opinião, um codice da primeira metade do seculo XVI, existente na bibliotheca real, do qual transcreve os seguintes periodos com relação á viagem da infanta:

«... e a um domingo, dia de S. Miguel, de setembro do anno de 521 chegaram a Villa-franca de Niça, porto do duque de Saboya, a uma hora depois do meio-dia; e assi das náus como da villa se fez grão festa d'artilharia. E o duque mandou pedir á infante, que não dormisse na náu; e ella se escusou de sair por aquella noite; e vendo o duque sua escusa, foi lá em pessoa com alguns gentis homens, e lhe pediu que com toda maneira saísse: ella o fez por conselho do conde, contra sua vontade, e de todos, e saiu com tochas; onde achou doze facas guarnecidas, para si, e para as damas, e alguns chibaos para os fidalgos, porque d'alli a Niça, onde era a povoação, pelo rio acima, era meia legua; e ahi foram ter. E a duqueza de Nemours (*Nemours*) irman do duque, e mãe d'el-rei de França, que ahi estava, saiu fóra ao terreiro das casas, onde o duque pousava, a receber; e ahi se fizeram grandes ceremonias e cortezias. E alli foi com a infante para dentro, e assi a rainha por hospeda aquella noite. Ao outro dia pela manhã foram ouvir missa a um mosteiro de S. Domingos, pegado com as casas; e um cardeal, que ahi era, disse missa, e os benzeu...

«O duque é homem pequeno de corpo, e alvo; de rosto comprido, e feo de tudo: tem um hombro mais alto que o outro, e é um pouco azumbado, e as pernas delgadas, e muito prudente. A este caza nento eram vindos um cardeal e tres bispos, e um marquez, e tres condes, e logo se tornáram. Em Niça estiveram 8 dias, nos quaes alguns justáram, e o duque deu banquete aos portuguezes: e a cabo dos 8 dias partiu com a infante para Piemonte: e á partida a infante se achou só em uma faca, com dous moços d'estribeira; e como ia de cá acostumada de andar d'outra maneira, achava-se corrida, e não soube que fazer, senão tornar-se ás lagrimas, porque a mór parte dos portuguezes eram já embarcados para se tornar. E alguns outros que por a servir aqui se iam acompanhar, não o consentiram, que assi lhes era ordenado do duque: e ao passar de uma ponte, uns cem alabardeiros lhes pozeram as alabardas nos peitos, e não consentiram que passassem ávante. As damas iam em chibaos d'aluguer, com varas nas mãos, sem nenhuma companhia d'homem, caindo a cada passo por seguir a infante, pranteando e chorando sua orfandade, e a pouca honra e gasalhado que dos saboianos recebiam; e dizem o d'elle muitas pragas, e a pouca virtude e honra com que os tratava.»

D'estas passagens do codice tira Alexandre Herculano as conclusões que fazem ao seu proposito. Ainda explica a repugnancia da infanta em desembarcar por estar informada da figura despicienda do duque; mas para explicar a dureza com que Carlos de Saboya trata D. Beatriz, poucos dias depois de casada, sendo certo que empregára grandes esforços para obter a sua mão, recorre Alexandre Herculano á conjectura de que «a noticia dos amores da infanta com um cavalleiro portuguez teria chegado aos ouvidos do senhor de Vallaison (Claudio) que revelaria a seu amo, depois das nupcias, o terrivel segredo que levára de Portugal, e porventura o receio de que entre os que na viagem a acompanharam existisse o seu rival, e de que alguma das damas o favorecesse».

O quadro da desamoravel lua de mel, que a infanta D. Beatriz, segundo o auctor do manuscripto, tivera em Saboya, não obstante a tradicional formosura da infanta, contrastaria asperamente com as alegrias com que os esponsaes foram celebrados na corte de Portugal, onde Gil Vicente fez representar a tragicomedia das *Côrtes de Jupiter*, um dos autos que, a nosso vêr, melhor caracterizam a função truanesca que Gil Vicente desempenhava no paço, pelas alluções pessoas a personagens importantes que elle irrisoriamente converte em peixes,—balea, raia do alto, çafio, etc.

Veremos porém até que ponto, graças a um auxilio poderoso, lograremos esmiuçar a verdade.

(Continúa)

ALBERTO PIMENTEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO

Foi inaugurado a 30 d'agosto de 1861.

A 3 de setembro do mesmo anno, el-rei o sr. D. Pedro V lançou a pedra fundamental para solemnizar o principio d'aquelle monumento da civilização moderna.

Decorria o anno de 1865, e já o Palacio de Crystal abria as suas portas e franqueava os seus vastos salões aos productos na-



1



2

cioneas e estrangeiros, fazendo a primeira exposição internacional, que marcou em Portugal e nas colonias o exordio de um novo periodo de aperfeiçoamento nas artes, na industria, e nas relações commerciaes.

O fundo social da empresa do Palacio de Crystal foi de réis 250.000\$000 em acções de 100\$000 réis.

Muitos capitalistas portuguezes, e muitos dos nossos compatriotas do Brazil, sempre promptos para dar impulso a tudo quanto possa engrandecer o seu paiz natal, tomaram as acções, e realisaram aquelle capital.

Foi delineada a fabrica do Palacio pelo architecto inglez Sheilds, de Londres, e foi confiada a direcção da obra ao architecto portuense, Gustavo Sousa.

O architecto paisagista, Emilio David, allemão, fez o desenho do parque e dos jardins.

Tem o palacio quatro frentes, e mede 110 metros de comprimento e 72,^m34 de largura.

A cupula, que corre sobre a nave central em toda a extensão do edificio, é de ferro e de crystal.

A sua altura maxima é de 48,^m90. Corôa o grande salão destinado á exposição geral dos productos industriaes, cujo comprimento é de 103 metros com 24,^m53 de largura.

Tem capacidade para receber mais de dez mil pessoas.

As naves lateraes tem de comprimento 48,^m10; de largura 8,^m31, e de altura 14,^m32.

A frente principal do palacio, que fica voltada ao norte, é igual á que está para o lado do sul. Nos dois pannos d'aquella frente, que se estendem para um e outro lado da nave central, incluindo os pavilhões que os terminam, estão distribuidas as seguintes salas e gabinetes:

No lado de leste está o vasto salão dos concertos e outros espectaculos, e gabinetes para senhoras e para homens.

No de oeste está o salão do museu e a galeria de quadros.

As frentes do sul, leste e oeste, encerram muitas e grandes salas, sendo duas de bilhar, uma de leitura, tres de jantar, casas de pasto de primeira e segunda classe, gabinetes para descanso e tocador para senhoras.

A cosinha, dispensa, sala para criados, armazens e mais officinas, ficam no pavimento subterraneo.

As frentes e paredes do palacio são construidas da melhor qualidade de granito.

A situação do palacio é das mais bellas que se pode imaginar.

Está edificado no alto esplanado da Torre da Marca, de onde se descobre o mais formoso e variado panorama da cidade do Porto e suburbios.

Sobranceiro ao mar, correndo lhe aos pés o pittoresco rio Douro com as suas margens accidentadas de collinas e montanhas, sempre notaveis pela sua paizagem singular, n'uma elevação d'onde se avista um horizonte magnifico, é, incontestavelmente, o palacio mais bem situado do Porto, e por isso mesmo o seu local um dos mais apraziveis passeios d'aquella cidade, e hoje um dos seus pontos mais frequentados.

AS FORÇAS CAUDINAS

(Specimen das gravuras da «Historia de Roma», de Duruy)

Mais uma gravura da «Historia de Roma», de Duruy, a que nos temos referido.

Representa esta gravura as forças caudinas, sob as quaes os romanos faziam passar os vencidos, despojando-os primeiro das suas vestes guerreiras.

O espectáculo enchia de gaudio os vencedores.

POSSESSO

Um frade possesso, a quem a communidade, por meio de rézas, canticos, musica e exorcismos, procura tirar o demonio do corpo.

A scena passa se no côro do convento.

E' para notar a phisionomia e a attitudo do endemoninhado, que estão definidas com vigor e naturalidade.

MODAS

Damos hoje os figurinos de duas *toilettes* de um bom tom superlativamente pariziense.

1.^a—*Toilette* de estar em casa. Saia redonda, armada em grandes machos bordados com palmas.

Uma charpa de surah cinge a saia e ata ao lado. Corpete-véstia, bastante comprido, bordado com as mesmas palmas de velludo côr de perola, abrindo sobre um collete de velludo, bordado

a soutache de prata. A véstia tem uma grande gola descaida e canhões nas mangas, com bordados eguaes aos do collete.

Faz-se este vestido com 10 metros de lâ larga e 1 metro de velludo.

2.^a—*Toilette* em *peau de soie*, para passeio.

Saia recortada em baixo e adornada com quilhas em bico, de velludo, applicadas na frente e aos lados. Segunda saia apanhada, tambem recortada, formando avental. Corpete muito justo, com enfeite igual ao da saia, e atacado atraz; mangas de rufos, cortadas por um largo bracelete de velludo.

MANUEL JOAQUIM PINTO

(O aggressor de Pinheiro Chagas)

Publicamos hoje o retrato de Manuel Joaquim Pinto, o infamissimo aggressor do illustre jornalista e nosso presado collega, sr. Pinheiro Chagas.

Publicamol-o, não pelo que o torpe caceteiro vale em si mesmo, na hediondez do attentado, mas para acompanhar a série de factos que se teem seguido a esse monstruoso crime, que veio exalçar por mais d'um titulo, se bem que doloroso para o paiz, o nome do illustre estadista, parlamentar, escriptor e academico.

Dando o retrato de Manuel Joaquim Pinto, damol-o desacompanhado de quaesquer notas biographicas, que poderiam parecer a glorificação do criminoso.

Bandidos d'esta laia, não teem biographia, e se a teem, é repugnante. Não a escreveremos portanto nós, nem a poderão ler n'estas paginas os assignantes da *Illustração Portuguesa*.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

- Medida, arbusto e povoação.—2—2
 Dverbio, homem e animal.—1—2
 Rio, nome e homem.—2—2
 Decido, planta e estofa.—1—1
 Neste rio é animal e cidade.—1—2

Santa Comba Dã.

A. de SOUZA FONSECA.

Na musica e na musica, dá-se na corda este jogo.—1—1—1
 Esta flôr não é má n'uma cidade portugueza.—1—1
 Este appellido e esta ave, todos nós usamos.—1—2

Vianna.

SOSSAP.

Logogrifos

C-rta joven mui formosa.—7, 3, 4, 2, 5, 1
 Modesta, qual ervasinha.—1, 3, 4, 2, 2, 7
 N'esta villa, pressurosa.—7, 2, 3, 7, 6, 1
 Procurava uma florinha.—7, 5, 6, 5, 1
 P'ra levar a um magistrado.—4, 6, 5, 2
 Que é por muitos respitado.—1, 3, 5, 6, 1

Mas, n'isto, um barco chegava.—7, 2, 3, 1, 6, 5, 1
 No rio que perto havia.—3, 4, 2, 2, 1
 A todo o panno ell'rogava.—2, 5, 2, 7
 E a bordo, creio, trazia.—2, 5, 1, 3, 4
 O arbusto das taes florinhas.—2, 5, 2, 1
 Seguro com muitas linhas.—3, 4, 7, 6, 1

Assim que á praia chegou
 A linda e veloz barquinha,
 Logo elle se lhe acercou,
 Tirando linda florinha,
 Quebrando-lhe a fragil haste,
 Que junto estava ao caíaste.

MATHEUS JUNIOR

Retribuição

(Ao distinto charadista Antonio Amor de Mello)

Em versos pomposos eu retribuiria,
Se a tanto chegasse minha inspiração;
Mas como não possuo esse estro divino,
Acceite meus versos taes quaes elles são.

Conheci na Turquia 4, 45, 9, 7, 40
Uma certa sujeita, 12, 5, 46, 10, 3, 45
Que por ter indolencia, 45, 4, 11, 6, 7, 43, 5.
Andava contrafeita.

Mas um dia perdeu,
O tal acanhamento; 6, 13, 3, 8, 46, 17, 44
A certo homem que viu, 9, 13, 46
Dedicou amor lento. 10, 3, 8, 44, 5, 16, 47

Mas, como tudo acaba,
Entregou-se á sciencia, 4, 7, 2, 1, 13, 9, 11
Estudando rhetorica 4, 9, 7, 47, 3, 40.
Para ter eloquencia.

Eu vou, com todo o respeito,
Meu insigne charadista
E querido senhor Mello,
Offerecer-lhe o conceito.
Não me tome por trocista
Um conceito tão singello.

Não estou nas plantas
Nem nos vegetaes;
Sou pura affeição
E não digo mais.

Castello Branco.

XAVIER RODRIGÃO

Enigma em acrostico

* l t a *
* o i t *
* r m e *
* e s t *
* s s o *

Compôr com as iniciaes um nome de homem e com as finais um appellido.

JOAQUIM CHAGAS.

Decifrações

DAS CHARADAS:—Boato.—Rapaz.—Amoravel—Util.—Marte.—Sicio.—Favorita.—Alfeloa.

A RIR

Dá-se uma contestação diante de madame Calino, a respeito da idade de um scberano. Recorre-se ao almanach de Gotha.

—Não ha duvida, tem trinta e um annos, visto que nasceu em 1857! observa a pessoa que consultou o almanach.

—Está enganado, tem trinta e dois, replica madame Calino. O almanach que consultou, é do anno passado!

* * *

Depois de vinte e quatro annos de matrimonio, um marido surprehende sua mulher em flagrante delicto, e conta a scena a um amigo intimo.

—Oh! pobre amigo, exclama o confidente. E que effeito te produziu isso?

—E que effeito querias que me produzisse?... Li-songocou-me!

—Conheces o dr. L.?

—Perfeitamente.

—A sua reputação parece-me que é universal?

—É; estende-se até ao outro mundo!

UM CONSELHO POR SEMANA

AGUA FORTE OU REGIA

A sua composição é variavel, mas em geral consiste em duas ou tres partes de acido hydro chlorico para uma parte de acido-nitrico, que algumas vezes se substitue por nitro.

Juntando-se o acido ao chloreto de potassa, obtem-se um dissolvente ainda mais energico que a agua regia.

O acido hydro-fluorico misturado ao acido nitrico, é ainda mais activo que os precedentes.

SOUS LES ÉTOILES ET SUR LES FLEURS

I

Apagaram as ultimas velas.

O quarto, ainda rescendente a cera e a incenso, ficara immerso em trevas. O velludo preto, pregado nas paredes, oscillava brandamente, e sobre a eça vasia inclinava-se, soluçante, uma mulker ajoelhada.

Acabavam de levar-lhe a filha. Convencia-se, agora, de que ficara sem ella. Ainda quando, havia pouco, a vira mergulhada em rendas e flores, envolta no setim azul do manto á Conceição, julgára, na tremenda allucinação da sua incomparavel dôr, que a doce querida adormecera.

Medonha desillusão! Ultima gotta de fel do calix esgotado durante tres longos mezes de martyrio.

E nas lagrimas se desfolhava a sua ultima esperanza, o grande e ineffavel amor da sua alma de mãe e esposa! Ia enlouquecer, talvez! Enlouquecer? Que importava? Perder a razão, é perder a memcria; e que maior supplicio poderia infligir-lhe o Deus implacavel, que lhe arrancara dos braços a filha estremecida?

II

Casara muito nova. Era franceza e linda. O marido, que a adorava, envolvera-a sempre na mesma fanatica idolatria.

Creara lhe uma existencia paradisiaca! A filha, uma creança ideal, alliava na sua gentil figura a formosura angelica da mãe e a rara elegancia do pae.

Absortos no mutuo enlevo d'esse grande amor, revendo-se ambos no limpido olhar da filha estremecida, esqueciam que a felicidade não perdôa os raros gozos que dispensa, e que a luz radiosa do dia succede sempre a sombra da noite. A sombra foi a phtisica.

A phtisica começou minando lentamente o franzino organismo da creança, desbotando-lhe as faces, apagando-lhe o olhar, crestando o frescor dos seus labios de rosa e abatendo para a terra a sua risonha cabeça de archaujo entristecido.

E os dois a seguil-a passo a passo, sorrindo nas lagrimas para illudil-a, illudindo-se a si proprios, morrendo da morte de todas as suas alegrias extinctas, renascendo, por instantes, ao fulgor de uma esperanza, para o desengano ser ainda mais pavoroso e a realidade mais tragica.

A doente tremia de frio, a despeito do calor intenso d'esse verão tapetado de rosas, atravez das quaes a creança resvalava para a sepultura.

A pobre phtisica adorava as rosas e as estrellas. Os paes, martyres do amor, enchiam-lhe a casa de flores, e ao vê-la embeber no azul o olhar enlanguescido, afigurava-se-lhes que as estrellas estremeciam de pena, vendo padecer o seu anjo, e que não deixariam de salvá-la.

«Se ella gosta tanto das flores e das estrellas, como pôde deixar-nos, agora que as rosas exhalam todo o seu aroma e que as estrellas scintillam no azul com todo o seu brilho?...»

III

A desgraçada mãe enlouqueceu!

O seu opulento cabello louro, que lhe nimbava em cur a formosa cabeça, embranqueceu no breve espaço de uma noite.

Os médicos aconselharam distrações, como se se pudesse viver quando o coração deixa de existir? Prescreveram ao marido que a arrancasse da casa que se transformara para ambos em um túmulo, que a levasse para a sua patria, Paris, onde ella fôra outr'ora uma das rainhas da moda.

Um especialista optou pela musica, que poderia, talvez, operar o milagre de aquecer esse pobre cerebro petrificado, de acordar esse organismo adormecido! Tentou-se o ultimo recurso! No theatro lyrico apparecia todas as noites, em uma primeira ordem, linda como a estatua da desolação, essa automatica mulher, vestida de preto, movendo-se na inconsciencia do sonambulismo, linda ainda, ja pungente expressão da sua physionomia de martyr. O olhar fixo, os labios contrahidos, o rosto incaracteristico, como que esculpido no marmore de uma lousa, e nem uma palavra sequer, n'essa bocca muda como a morte.

Ao voltar a primavera, o marido lembrou-se um dia de offerrecer-lhe um ramo de rosas. A «mãe dolorosa» estremeceu ao



MANUEL JOAQUIM PINTO

(O aggressor de Pinheiro Chagas)

contacto das flores. Brilharam-lhe nas pupillas duas grandes lagrimas, agitaram-se-lhe os labios no esforço de um sorriso, e murmuraram baixinho, como que se fallassem a um espirito: «Oh! mon enfant! je te revois toujours, sous les étoiles et sur les fleurs!»

MARGARIDA DE SEQUEIRA.

O CAMARADA

Havia quatro annos que viviam juntos, e nem sequer por um momento se tinham esquecido das suas respectivas posições de official e de soldado.

Era austero um e submisso o outro, sem perderem de vista a ordenança. E comtudo, estimavam-se mutuamente; mas estimavam-se com o affecto duro, rude e silencioso, que se não alardeia, nem se manifesta, que encobre um impeto de ternura com um gesto de grosseria; eloquente quando cala, inepto se quer exprimir-se; avesso a mimos, e habituado, quando o salteia a necessidade de chorar, a morder os beiços e a engulir as lagrimas, para

não parecer fraco e effeminado. Mantinham entre si uma linguagem sempre laconica; entendiam-se por monosyllabos, olhares e gestos; o relógio era o interprete commum, que tudo regulava, inclusive os passos e as palavras, com a mais rigorosa disciplina.

—O sr. tenente quer mais alguma coisa?

—Não.

—Posso retirar-me?

—Podes.

Era esta a formula quotidiana da despedida. Nem mais uma palavra.

E assim se tinham passado os dias, os mezes, os annos—quatro annos—no quartel, em casa, no campo, em marcha, na guerra; e não obstante tinha crescido pouco a pouco no coração dos dois um affecto profundo, severo, e quasi inconsciente. Havia n'aquella inalterável taciturnidade, n'aquellas fallas militares, n'aquella troca fugitiva de olhares, que queriam dizer de uma parte—faze isto—e da outra—já percebi—; havia, para quem conhecesse a indole dos dois, tanta cortezia, tanta affabilidade, tanto coração, que a mais expansiva correspondencia de ternura não seria por certo tão significativa.

Tinham-se achado ao lado um do outro no campo de batalha, nos momentos solemnes, a poucas centenas de passos dos canhões inimigos, e a cada zunido de bala ambos se procuravam com os olhos, e ao verem-se incolumes soltavam um suspiro que queria dizer:—d'esta ainda nós escapámos.

Juntos tinham velado nos postos avançados por mais de uma noite fria e chuvosa, com os pés mettidos nos charcos, e o vento a açoitar-lhes o rosto; e, de manhã, ao virem-n'os render, trocavam entre si um sorriso, como para dizerem mutuamente:—agora voltamos ao acampamento, alegra-te, que vamos descansar—. Quantas vezes, durante uma longa marcha de verão, se viraram ao mesmo tempo para traz, a olhar para os marcos da estrada, e quantas vezes tinham contado o melhor de quarenta, e ao acercarem-se do ultimo, trocavam um olhar de conforto e de animo, que significava:—faltam só dois,—falta só um—já estamos.

Mais de uma noite, no campo, quando o espirito se prepara para os tiroteios que se esperam ao romper d'alva, depois que o official se tinha accommodado dentro da barraca, e o camarada lhe estendera por cima o capote para o preservar do frio,—boa noite, sr. tenente, lhe dizia este, retirando-se, e ao tenente parecia-lhe que a voz do seu fiel amigo tremia levemente, e que a ultima palavra lhe não sahiria inteira da garganta, e correspondia-lhe no mesmo tom.

Outras vezes, quando um d'elles apresentava ao outro uma carta, e este estendia a mão impaciente para recebê-la, o rosto dos dois era illuminado por um ligeiro sorriso, que tacitamente exprimia o seguinte dialogo:

—E' uma carta de casa; reconheci a lettra; é de tua mãe;—queria dizer um.

—Obrigado,—queria responder o outro—antecipaste-me o prazer.

Passado isto, ambos voltavam aos seus modos severos e silenciosos. Estava para vir a primeira vez que o rude soldado, apresentando-se ao official, ou apartando-se d'elle, se esquecesse de levar a mão ao bonnet com um gesto resolutivo, erguendo a fronte, e fixando-lhe os olhos no rosto, perfilado e immovel.

Quando se retirava, a sua «meia volta» nunca deslisava das prescripções da ordenança.

Havia apenas quatro annos que viviam juntos, mas o soldado que, ao cabo do primeiro, fôra empregado como impedido, estava a completar o tempo de serviço.

Um dia recebeu o commandante do corpo ordem para dar baixa aos que se achavam em taes circumstancias.

N'esse dia, entre o soldado e o official, poucas mais palavras se trocaram do que as do costume. Os dois corações, porém, conversaram largamente.

—Manda mais alguma coisa?

—Não... Veiu ordem para dar baixa aos do teu contingente. Deves partir por estes dez dias.

A isto seguiu-se um breve silencio, sem que os seus olhos se encontrassem...

—Posso retirar-me?

—Podes, sim...

D'esta vez tinhamos a mais um *sim*; era já um grande passo no caminho do affecto.

Apertou-se-lhe o coração, mas não igualmente a ambos. Um perdia um amigo, mais que um amigo, um irmão, que o amava com um affecto quasi religioso. O outro perdia igualmente um amigo, um irmão; mas aquelle ficava, e este regressava á sua casa.

E isto era para elle um grande allivio.

(Conclue no proximo numero)

EDMUNDO DE AMICIS.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica